



## ORIENTAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM JARDIM TERAPÊUTICO EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE - RELATO DE EXPERIÊNCIA

JULHANA BIANCHINI POHLMANN

### RESUMO

Ambientes naturais promovem restauração da saúde, promoção de educação e autoconhecimento, e aliado ao cultivo de espécies medicinais, fornecimento de plantas que podem auxiliar no tratamento sustentável e autônomo dos sintomas. Este artigo tem como objetivo descrever o relato de experiência na orientação da criação de um projeto chamado Jardim Terapêutico em uma unidade básica de saúde. O processo de orientação ocorreu de 2019 a 2023 idealizando um espaço multifuncional e de convívio, mas encarou diversos desafios: a) frente à COVID, que desestruturou a equipe de saúde, afastou a orientadora da unidade e impediu a participação da comunidade desde o início; b) o entendimento da proposta agroecológica pela equipe e sua importância, e c) o alinhamento do conceito/função do jardim por parte da gestão e equipe médica. Especialmente sobre a pandemia instalada, fator que dificultou a participação popular e a orientação do projeto e sobrecarregou a equipe. A falta de educação ambiental e humanística contribuiu para um fraco entendimento, por parte da administração pública, da função terapêutica de um projeto como este, dificultando o uso pleno do ambiente como ferramenta terapêutica aos pacientes e de promoção da qualidade de vida aos profissionais. Conclui-se com isso que é fundamental ter coesão entre o objetivo do projeto e as instâncias que o apoiam, bem como presença da pessoa orientadora ou detentora do conhecimento técnico científico para maior conscientização durante todo o processo de implementação e conscientização dos envolvidos. Os jardins são ambientes capazes de promover cuidado, afeto, saúde, alívio de estresse e resgate de valores e práticas ancestrais e mexem em estruturas profundas das comunidades, sejam elas psicológicas, afetivas, culturais ou de saúde.

**Palavras-chave:** plantas medicinais, UBS, agroecologia, interdisciplinaridade, convívio.

### 1 INTRODUÇÃO

Ambientes naturais promovem maior embelezamento, convívio, relaxamento, interação e podem servir para plantio de espécies medicinais que possam cuidar do corpo e tratar sintomas com maior autonomia e sustentabilidade tanto econômica quanto ambiental. Mesmo assim, existem poucos trabalhos relatando sobre experiências de cultivo em ambientes de saúde, especialmente integrados ao paisagismo e o conceito de “ambiente de saúde” raras vezes integra a natureza. A promoção de hortos medicinais, apesar de tão necessária, foi incentivada pelo Ministério da Saúde sob nome de Farmácias Vivas pela RDC n.º 18 de 2013, tendo pouco mais de dez anos, mas pelo conceito, criado por Abreu de Matos através da implementação de uma primeira farmácia viva, existe desde 1983 (Escola de Saúde Pública do Ceará, 2022).

A implementação dos chamados *ambientes restauradores*, foram mencionadas em pesquisas e revisões onde descrevem a importância do ambiente na recuperação e restauração da saúde em diferentes contextos estressantes, sendo o ambiente natural eleito como ideal para

este fim (Ulrich, 1999; Silveira *et al*, 2019).

Ainda em termos de promoção de saúde, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Ministério da Saúde, 2006), estimula a utilização de racionalidades terapêuticas diversas e busca, entre as suas diretrizes, “tornar disponíveis plantas medicinais e/ou fitoterápicos nas unidades de saúde, de forma complementar, seja na estratégia de saúde da família, seja no modelo tradicional ou nas unidades de média e alta complexidade.

Tendo em vista estes dados iniciais, o objetivo deste artigo é descrever um relato de experiência de orientar a criação de um Jardim Terapêutico em uma unidade básica de saúde, com seus desafios, aprendizados e aprimoramentos possíveis, para fortalecer iniciativas futuras.

## **2 RELATO DE EXPERIÊNCIA**

O projeto de Jardim Terapêutico surgiu a partir de minha experiência profissional na rede básica de saúde de um município brasileiro e realizei sua orientação durante o período de 2019 a 2023. Após uma conversa com um dos agentes de saúde de UBS, idealizamos dar vida e humanizar o espaço ocioso ao ar livre que existia no centro do terreno (figura 1), através da construção de um jardim como um ambiente multidisciplinar e multifuncional, baseado majoritariamente no cultivo de plantas medicinais para que pudesse fornecer aromas, cores e também substrato para remédios caseiros à equipe e população. A proposta foi apoiada por outros profissionais e foi idealizado para ser um espaço de: convívio; relaxamento; oficinas e troca de saberes; vivências e aulas práticas; interação com a natureza e resgate de saberes tradicionais e ancestrais; cultivo de plantas medicinais e utilização pelos profissionais e população; desconstrução do ambiente de atendimento em saúde. A planta do local foi desenhada por nós como uma mandala. A intenção inicial era construir sua estrutura com a comunidade, porém, a gestão não somente aprovou como decidiu incluir o projeto na reforma da unidade que estava prevista para ocorrer no ano seguinte.

Devido à pandemia muitos serviços foram suspensos, incluindo meu trabalho como fitoterapeuta. Algumas alterações foram realizadas na planta do jardim sem prévia explicação por parte da equipe de arquitetura da prefeitura do município (Figura 2 e 3). Questionamentos foram levantados por parte da equipe alheia ao projeto, evidenciando insegurança sobre a viabilidade e utilidade da proposta, visto que ocupava toda a área livre da unidade. Durante esse tempo acompanhei a implementação de modo virtual. Retornei à unidade de saúde somente em 2021, quando o processo de construção da estrutura estava completo. Durante minha ausência, a equipe precisou lidar com o atravessamento de outros profissionais - de fora da unidade - interessados no potencial do espaço, o que gerou conflitos e estresse por terem propósitos diferentes do que havia sido planejado desde o início. Pessoalmente, este foi um momento desafiador onde enfrentei dificuldade na mediação do conflito, pela equipe já estar abalada dado o contexto geral e meu período de ausência forçada ter atrapalhado no processo de formação de vínculo de confiança.

Antes da inauguração foram necessárias medidas de correção do solo, pois o fornecido era extremamente argiloso. Foram quatro meses de trabalho braçal em mutirões coordenados por mim no qual a equipe engajou com sucesso após uma aula sobre o tema. Utilizamos doações de areia (via setor de obras que nos apoiou no processo fornecendo também ferramentas) e adubo (esterco de cavalo curtido doado por hotelarias). A estrutura modificada dos canteiros na primeira etapa foi um fator de dificuldade, demandando a remoção quase total do conteúdo do canteiro para fazer a mistura de forma equilibrada (figura 4). Porém, após a correção e plantio, o formato de canteiros elevados foi um ponto positivo que facilitou no manejo, levando em consideração que a maior parte da população usuária é formada por idosos. Acrescentamos cobertura de solo e permitimos descanso por algumas semanas antes

do plantio.

**Figura 1**



**Figura 2**



**Figura 3**



**Figura 4**



Devido ao período de isolamento, o jardim que foi idealizado para ser da comunidade, precisou ser protagonizado quase exclusivamente pela equipe. A pressa na inauguração por parte da administração pública também foi um fator de aceleração do processo.

Concomitante ao período de correção do solo, orientei aulas de agroecologia e manejo de solo e de espécies, para auxiliar a equipe a compreender o propósito de algumas medidas: cultivo biodiverso; uso de pesticidas; formas de poda e momentos adequados para podar; plantio em consórcio; saúde do solo e microrganismos colonizadores; entre outros conteúdos importantes para um cuidado sustentável daquele ambiente.

No início, alguns membros do projeto que já vinham de uma prática orientada para monocultura e canteiros convencionais, estranharam as propostas, considerando o plantio como “desorganizado”, ou preocupados com o estranhamento da população usuária da UBS. Entretanto, a maior parte dos membros interessou-se pelo sistema agroecológico de plantar ou absteve-se de opinar e compactuou com a proposta, compreendendo que: essa metodologia facilita o manejo dos canteiros; é a maneira como a própria natureza funciona e se alinha com o propósito do espaço (harmonia com o meio ambiente). Aqueles membros que no início apresentaram resistência, com o passar do tempo, observando o engajamento de seus colegas e o jardim tomando forma e força, apresentaram maior aceitação com o método e se tornaram multiplicadores do conhecimento, explicando para a população visitante como funciona.. Em seus relatos, estes profissionais mencionaram o aprendizado do manejo de solo e sistema biodiverso como um aprendizado “marcante”. Um dos relatos descreve o processo: “até entender dessa prática me frustrei um pouco, mas hoje vi como necessário para a saúde das nossas plantas essa diversidade”.

Minha orientação no projeto durou ao todo, cerca de três anos, divididos em co-criação e construção, orientação em práticas de cultivo agroecológicas e treinamentos sobre o uso de plantas medicinais para tratamento de sintomas e doenças. Durante esses meses, também buscamos incluir a comunidade da maneira como foi possível, tão logo o período de isolamento estava por encerrado.

A função do ambiente de servir de consultório não teve engajamento conforme planejado. Ainda com relação à equipe médica, é de comum acordo a mesma como um todo utilizou o espaço para relaxamento, contemplação e descanso em seus momentos livres. Muitas vezes, observei alguns profissionais cuidando do espaço também em momentos de estresse, e nas conversas relacionavam o local com um espaço para aliviar a sobrecarga do dia a dia ou elaborar melhor os pensamentos e conflitos pessoais e de trabalho.

Também observei pacientes, especialmente acompanhados de crianças, frequentando o espaço ou curiosos com o mesmo, e permitindo-se aguardar por ali seus atendimentos. Entretanto, comparado com o número de frequentadores da unidade, eram uma discreta minoria.

Durante minha orientação realizamos oficinas, reuniões e vivências. Além disso, experimentei atender pacientes no jardim e observei maior relaxamento e sensação de acolhimento por parte dos mesmos.

Infelizmente, devido a falta de apoio e fortalecimento da gestão com relação ao conceito do Jardim, além de outras demandas que se atravessaram no dia a dia dos agentes de saúde ocupando os tempos destinados a treinamento, não concluímos a educação continuada relacionada ao uso de plantas medicinais na saúde, tão pouco houve um treinamento aos profissionais contratados (médicos, enfermeiros) - apesar de muitos compartilharem comigo seu interesse em aprender sobre o tema - ou um entendimento da própria gestão sobre o propósito do Jardim: desconstruir a visão de atendimento e tratamento desde o ambiente em que se atende o paciente. Assim, houve limitações que frustraram as expectativas e propósitos pré existentes e falta de apoio por parte da gestão, pois a equipe dependia de permissão para participar dos mutirões e treinamentos, o que atrapalhou o convívio e formação de um novo paradigma.

Mesmo com tantos atravessamentos e com dificuldade de implementar todas as funções as quais o ambiente foi idealizado, o jardim terapêutico mostrou-se como um espaço importante que chama a atenção, promove curiosidade, relaxamento nos momentos livres, aprendizado sobre a natureza, alívio do estresse diário para profissionais e usuários e também como um local de expressão de afetividade, conforme relato de um membro: “tô dando amor para elas (as plantas), que não é só adubo e regar, precisa de carinho”.

### 3 DISCUSSÃO

Espaços criativos são necessários para incluir dinamismo e motivar as equipes a repensar sobre seu fazer diário, permitindo romper paradigmas e melhorar a qualidade de vida para profissionais e clientes ou usuários do ambiente. A experiência de orientação no jardim terapêutico foi um exemplo disto, pois demos vida a um local ocioso, tornando-o com sentido e com uma função especial.

O paisagismo é uma forma de: trazer arte e vida para o local, reformular espaços, reutilizar e também resgatar saberes, já que as comunidades brasileiras tem como hábito o cultivo de plantas, especialmente medicinais. No Jardim Terapêutico, pude perceber o quanto a prática do plantio pode integrar pessoas de diferentes contextos e permitir que haja uma troca de experiências entre elas, promovendo união, relaxamento, lazer, autoconhecimento e bem estar. Por outro lado, o exercício de plantar relaciona-se com crenças, culturas e hábitos enraizados, muitas vezes tradicionais e transmitidos entre as gerações e às vezes pode ser desafiador trazer novas metodologias, especialmente em pessoas mais idosas pois apresentam um apego às tradições, independentemente de serem eficazes ou não, pois a prática de cultivar transpassa a utilidade, tornando-se ela mesma uma terapia e uma maneira de autoexpressão (figura 5).

Os vínculos de confiança que se formam entre orientadora e equipes, no caso da introdução de tecnologias sustentáveis que rompem com padrões já muito enraizados precisa ser bem estabelecido, construído com o tempo e convivência, para que haja um engajamento completo da comunidade atuante. As reuniões e momentos de escuta são constantes, pois durante o processo há frustrações, falhas de comunicação e choques culturais que precisam ser levados em conta e acolhidos para que o próprio ambiente do jardim ou qualquer outra intervenção seja consciente, visto que, no nosso caso, o jardim terapêutico (ou qualquer outro projeto que promova vida) é dinâmico e tem como apoio os próprios guardiões deste local, dependendo deles para se manter vivo e saudável. Ao meu ver, a ausência de orientação em um momento tão inicial pode ter prejudicado o engajamento e clareza da equipe a respeito do projeto. Além disso, pode ter sido um agravante na falta de alinhamento e comunicação entre membros do projeto e gestão, pois as equipes estavam saturadas de demandas no enfrentamento da COVID. A presença de uma referência com conhecimento técnico e científico oferece segurança e parece ser importante para conscientizar as instâncias superiores durante o processo de implementação e desconstruir paradigmas, função última deste projeto. As mudanças não comunicadas na planta do jardim geraram ansiedade durante seu processo de construção e pode ter contribuído para um estranhamento da estrutura e sensação de desapropriação de sua criação, promovendo desconexão.

Em minha experiência, a conscientização e a conquista de apoio por parte da gestão do município sobre a função humanizada e interdisciplinar do jardim pode ser um fator crucial para o aproveitamento pleno de espaços como este e sua ausência, um agravante nos desafios enfrentados. Aparentemente, fornecer treinamento e conscientizar a própria gestão sobre a função de espaços interdisciplinares e o que representam para a comunidade é uma estratégia que pode facilitar e evitar conflitos futuros, possibilitando uma implementação e manutenção mais harmônica. É preciso que haja esse esclarecimento e apoio prévio pois os espaços naturais não servem somente para embelezamento ou produção de plantas medicinais como a visão utilitarista costuma enxergá-los, mas mexem com estruturas psicológicas profundas nas pessoas e a convivência com eles funciona como uma ferramenta de cura e aprendizado, além de contribuir para o engajamento da própria equipe no cuidado do jardim. Além disso, conscientizar a gestão sobre a necessidade de treinar a equipe médica quanto ao uso de plantas medicinais e proporcionar tempo para que a mesma participe do processo ou promova projetos relacionados é uma forma de aproximá-los desse ambiente (De Moraes, 2023).

O sistema agroecológico como um meio de se relacionar com o cultivo, com a terra e com a natureza, é, apesar de ancestral, eficiente e promotora de saúde, uma metodologia pouco difundida que necessita de maior divulgação e conscientização, pois a visão baseada em monocultura está profundamente arraigada na sociedade. O afastamento da natureza e o desconhecimento sobre suas dinâmicas ficou evidenciado pelo estranhamento das pessoas, mesmo após esclarecer sobre sua importância, por uma falta de compreensão da função que carrega a biodiversidade. Precisamos de políticas públicas baseadas em uma educação que permita ao ser humano reaprender a ouvir a natureza e respeitar seu modo de funcionar, compreendendo que é parte dela e precisa cooperar com ela, que sua sabedoria é eficiente. Em minha experiência, percebi que, para membros mais resistentes, a teoria aliada à prática com constante experimentação e acompanhamento permite uma integração deste conhecimento. Uma maneira de fortalecer o cuidado agroecológico é promover a construção de espaços vivos com o apoio e participação intensa da população usuária da UBS, para que não fique sob responsabilidade exclusiva dos agentes comunitários de saúde.

A pandemia foi um fator não controlável, mas acredito que maior paciência na inauguração do projeto poderia ter dado espaço para que a população fosse mobilizada e se sentisse pertencente. Ouso dizer que, apesar de ter facilitado e acelerado a construção, a obra ser construída de forma terceirizada sem a presença da população também impede o sentimento de propriedade e responsabilidade pelo jardim. É importante, para a sustentabilidade de iniciativas como estas voltada à comunidade, que os usuários estejam presentes nas etapas iniciais. Construir o hábito de conviver com o espaço, gerando-o desde sua concepção, assim como mostram outros artigos do mesmo tema tanto por parte da população quanto da equipe médica através de reuniões, diálogos e treinamentos, parece ser fundamental para o fortalecimento de iniciativas como estas e sua perpetuação (De Moraes, 2023).

**Figura 5**



#### **4 CONCLUSÃO**

A implementação e orientação de um jardim terapêutico em uma unidade básica de saúde é uma ação multidisciplinar e abrangente, tocando em diversas áreas do viver, tanto as

mais subjetivas quanto objetivas. A relação que temos com a terra atravessa o racional e nos reconecta com hábitos culturais, memórias, registros afetivos e permite-nos autoexpressão. O ambiente natural proporciona relaxamento, bem estar e conexão consigo mesmo, facilitando o processo terapêutico do paciente, bem como proporcionando maior qualidade de vida e de trabalho aos profissionais. A implementação de espaços vivos e multifuncionais como um jardim terapêutico é um processo dinâmico, em constante mudança e crescimento, cheio de atravessamentos e desafios previstos e imprevisíveis, demandando alinhamento de propósito e engajamento não só das equipes envolvidas diretamente no projeto, mas também da própria gestão dos municípios que desejem implementar este ambiente conceitual. A educação ambiental focada para um convívio mais harmônico e em cooperação com a natureza, ao invés de utilitarista, é necessária para a plena utilização de espaços como estes em todo o seu potencial. O sistema agroflorestal é rico e permite facilidade de manejo, porém, necessita de maior divulgação e de paciência pois o engajamento é lento, visto que grande parte da sociedade acostumou-se com a metodologia baseada em monocultura como forma “correta” de cultivo e subsistência. O protagonismo da comunidade e convívio mais próximo da população e da equipe com o ambiente, através de atividades com esse propósito, podem fortalecer e proteger iniciativas inovadoras como essas e o potencial criativo das equipes.

## REFERÊNCIAS

As farmácias vivas no ciclo da assistência farmacêutica: histórico e evolução. / Escola de Saúde Pública do Ceará. Gerência de Educação Permanente em Saúde – GEDUC. - Fortaleza: Escola de Saúde Pública do Ceará, 2022. 52 p. ISBN: 978-65-86649-27-7 Online

ULRICH, R.S. Effects of gardens on health outcomes: theory and research. In: C. Cooper Marculs & M. Barners (ORgs.), Healing gardens: therapeutic benefits and design recommendations (p. 27-86). New York: John Wiley & Sons (1999).

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 96 p.: il. ISBN 978-85-334-2146-2

DE MORAES OOLIVEIRA ML; SANTOS MC. Plantação de uma agrofloresta comunitária em uma Unidade de Saúde da Família no Semiárido Baiano: relato de experiência. In: REV BRAS MED FAM COMUNIDADE. 2023;18(45):3799.  
[https://doi.org/10.5712/rbmfc18\(45\)3799](https://doi.org/10.5712/rbmfc18(45)3799)